



IdIHCS Instituto de Investigaciones en
Humanidades y Ciencias Sociales
Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género

Eje 3:
Corrientes feministas
Coordinadoras Micaela Anzoátegui y Magalí Bátiz

Recepção e leitura dialógica na história.
A interlocução entre Kate Millett, Simone de Beauvoir e o Feminismo atual.

Magda Guadalupe dos Santos
(PUCMINAS, Brasil)
magda.guadalupe@yahoo.com.br

Introdução

Analisam-se alguns aspectos da *Segunda Onda Feminista*, desde a publicação na França em 1949 da obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir até as preocupações de movimentos em diversos países, em especial nos EUA, com foco em suas representantes nos anos 70, como Kate Millett, consagrada por sua obra *Sexual Politics*. Entende-se, nessa análise, ter a *Segunda Onda*, em suas variadas formas de pensamento e manifestações, grande repercussão e relevância na constituição dos contornos da identidade humana, com feições que ainda hoje se assumem como próprias na contemporaneidade.

Para a compreensão temática, níveis de leitura serão buscados, nos quais se problematizam as razões que nos levam a reler esta *Segunda Onda Feminista*, por meio de suas interlocutoras. Específicas obras de Millett e de Beauvoir são aqui tomadas como bases de leitura de alcance epistemológico. Em suas formas de pensar, delimitam-se o alcance inaugural e a recepção a partir dos anos 70, tanto da *teoria do gênero*, quanto das *teorias da diferença sexual*, que ajudam a refletir sobre a complexidade da relação entre identidade e Feminismo e ainda entre identidade feminina e política sexual.

A partir dos textos e das ações políticas em torno da *Segunda Onda feminista*, vê-se apontar um novo *ethos*, que vai se configurando feminista, mesmo que no sentido apenas de uma feição paritária e receptiva às mudanças das relações entre os gêneros ao longo do século XX. Nessa trajetória de ação e de revolução, a subjetividade feminina encontra problematização entre aquelas que inquirirem acerca do valor das feições comportamentais prescritas para a *questão de gênero* (Díaz, 2005, p.714) e para o sintagma do *feminino* em sua complexidade cultural.

I. Os planos de leitura

Os planos de leitura nos ajudam a analisar as correlações entre os pensamentos e suas variantes interpretativas.

I.1. Na leitura conceitual, a indagação acerca da definição do que aqui se denomina por *feminino*, enquanto uma unidade significativa dentro da *questão de gênero* e da *diferença sexual*, realça um rol imenso de dificuldades. Entre elas, as de ordem cognitiva face às questões da identidade humana que se inauguram a partir da segunda metade do século passado.

Vale argumentar, o termo *feminino* deve ser trazido à consideração, sem que qualquer qualificação de fragilidade, debilidade ou de naturalidade autóctone possa estar sendo atado ao perfil de gênero, que até ali se apresenta na condição de submissão a teias de ideológica servidão patriarcal. Ressalte-se também a característica de incômodo que este termo provoca a quem a ele se refere como oposto à presumida neutralidade (viril) do pensamento da tradição.

Essa conotação de provocação se faz igualmente sentir em possibilidades de leitura que, por algum referencial hermenêutico, não se arrogam ao direito de vislumbrar a sua complexidade terminológica. Feminino e masculino⁸ são termos correlacionais e merecem ser tratados nessa condição referencial entre práticas que se ressignificam em contextos culturais distintos (Bach *et. al.* 1997, p.59). Não se trata de inseri-los em simples sistema dual, mas de tomar o *feminino* como algo mais do que um simples termo de linguagem. Ele traz em si um conjunto de valores que giram em torno do que em Beauvoir sustenta o *ser mulher* e que dá vigor à linguagem que subsidia o aparato conceitual e a posição de sujeito inserido na cultura.

Em *Le deuxième Sexe*, o termo é usado de várias perspectivas e Beauvoir não teme enfrentar sua dificuldade conceitual, atrelando-o ao estudo crítico das relações entre os sexos que vai ganhando em seu texto a amplitude de gênero. No prefácio dessa obra publicada em 1949, ela se refere à complexidade de tratamento da questão feminina, não se podendo restringir a um viés *nominalista*, esvaziado de sentido, o que se denomina como *mulher* ao longo da história (Beauvoir, *DS*, 1986, p.12). Investigar sua conceitualização é façanha complexa e Beauvoir aponta suas possibilidades, sustentadas por um referencial axiológico historicamente construído pela cultura.

O que se denomina aqui por *feminino* surge em seus textos como um termo entre outros, tais como entre *femme*, *feminité*, *féminin*, *femelle*, sendo também aquele que vincula todos os demais, (Beauvoir, *DS*, 1986, pp.12-14).

Sobre o tema, pensa Dorothy Kaufmann que Beauvoir, ao utilizar os termos, *feminino* e *mulher*, o faz indicando suas significações culturais enquanto uma criação masculina com conotação de *segundo sexo* (Kaufmann, 1986, p.121). Beauvoir está assim indicando sua perspectiva acerca da *diferença sexual* e que, nesse contexto, se insere numa tônica de opressão sob as vestes de um discurso falocêntrico, tal como o nomeiam, em outros e futuros paradigmas interpretativos, Cixous e Irigaray (Kaufmann, 1986, p.22).

Apesar da censura nas análises de Kaufmann, ela identifica em Beauvoir uma antecipação do que posteriormente se registrará como *diferença sexual*. Relendo *Le deuxième Sexe*, feministas da *Terceira Onda* como Julia Kristeva (1974) e Helene Cixous (1995), entendem o termo como “uma força capaz de quebrar a ordem simbólica restritiva”⁹ (Castro, 1992, p.196). Não se trata de uma posição essencialista, mas de ler o *feminino* como um núcleo de afirmação da diferença e da singularidade semântica em processo de abertura e de redefinições a serem propostas pelas próprias mulheres.

Em *Sexual Politics*, Kate Millett alerta para a conotação pejorativa que se agrega ao termo devido às deformações político-culturais do patriarcado. Na relação tópica entre o pensamento de Millett e o de Beauvoir, assim como no de suas intérpretes, ressaltam-se divergências conceituais que aguçam as bases dialógicas a partir das quais o Feminismo se constitui, como forma de fazer frente aos imperativos da heteronomia patriarcal do século XX. Especificamente, na análise do *feminino*, do ser mulher, da complexidade sexual que envolve a roupagem da identidade humana, Beauvoir e Millett insistem, em verdadeira *avant-garde*, na relação entre *igualdade* e *diferença* e ressaltam o valor da *diferença* no complexo processo de construção cultural da *igualdade* entre os gêneros.

1.2. Na leitura dialógica pode-se afirmar que, em Beauvoir, o *feminino* surge como a *condição* em que se revela a mulher em seus modos atávicos de opressão (Beauvoir, *DS*, 1982, p.11); assim como é em *situação* que se insere a mulher no processo histórico cultural (Beauvoir, 1982, p.28).

Em Millett o *feminino* deve ser lido criticamente na esquadria da passividade, submetida pelo masculino em sua agressividade como própria da cultura patriarcal.

Em *Sexual Politics* ela escreve:

Da mesma forma, seria conveniente reexaminar as características definidas como “masculinas” ou “femininas” e reconsiderar o seu valor no aspecto humano: a violência encorajada como manifestação de virilidade e a excessiva passividade definida como característica feminina, inúteis

8 Mencionam Bach, Roulet e Santa Cruz que “a pesar de las críticas que el uso del concepto de género recibió em los años 80, mantenemos la necesidad de seguir pensando las relaciones de lo masculino y lo femenino como estructuradas por el género”. 1997, p.59.

9 O feminino, para Kristeva, como para Cixous, não implica a mulher real, pois, no que diz respeito à escrita, sujeitos biologicamente masculinos podem ocupar uma posição de sujeito feminino na ordem simbólica, conforme ela observa nas obras de artistas de vanguarda como Joyce e Mallarmé, entre outros. *Apud* CASTRO, 1992, p.196.

em ambos os sexos; a eficiência e o intelectualismo do temperamento "masculino" e a ternura e a consideração ligadas ao temperamento feminino, recomendáveis a ambos os sexos sem distinção. (M illett, 1970, pp.10-11).

Nas bases dialógicas de seus pensamentos, pensar a *igualdade* acaba por realçar a conotação correlacional de suas possibilidades; não se podendo pensar o sujeito humano sem questionar seu estatuto de alteridade.

Em Beauvoir, a *situação* de ser mulher surge tanto como uma subordinação, quanto como uma construção cultural. Em relação ao ser mulher, ela entende ser "o conjunto da civilização o que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino" (Beauvoir, *DS*, v.II, 1986).

Em M illett, identifica-se o teor crítico com que o domínio da sexualidade, com todo o seu alcance político, sustenta a esfera da obediência em que os registros simbólicos se dão, tanto no âmbito familiar, quanto cultural, e ambos voltados a um "grau de conformidade com a categoria sexual". Ela indaga se, pelo nascimento, tornar-se-ia capaz de identificar o fato de um indivíduo dever pertencer a um determinado grupo, o masculino ou o feminino, sem, contudo, se levar em conta, a simbologia cultural que os termos carregam? (M illett, *Sexual Politics*, 1970, 156).

A relação de recepção das questões tratadas por M illett, na forma de delimitar o alcance dos problemas sexuais e políticos, mencionados inclusive por Beauvoir (*TCF*, cap. VIII, 1972, pp.457-502), se justifica como tópico de relevo surgido ao longo dos anos 70 na história da crítica aos comportamentos e práxis do século XX. Beauvoir é leitora de Kate M illett a partir de 1970, e, possivelmente M illett tenha sabido ler também os escritos de Simone de Beauvoir, que já datam de 1943 (Andrew, 2003, p.38).

Categorias e conceitos fundamentais são adotados por cada uma delas de modo peculiar e até divergente. De certa maneira, foram elas, ao lado de tantas outras e em suas específicas abordagens, tais como Friedan, Greer, Morgan e Firestone, que radicalizaram novos espaços de construção para a política feminista que então se constituía ao longo dos anos 60 e 70. O ponto de reivindicação comum entre elas "não é uma emancipação superficial, mas a 'descolonização' da mulher" (Beauvoir, *TCF*, 1972, p.492).

1.3. Na leitura hermenêutica e no confronto com os textos, pressupõe-se uma possibilidade interpretativa que a todos arrasta para dentro do que Gadamer denominava de círculo hermenêutico. Cada intérprete é sempre interpretado pelos pressupostos culturais e pelas exigências teóricas da sua própria situação histórica. Na recepção textual, algo parece nos impulsionar para a busca das razões que comprovem a vivacidade histórica desses textos. Para tanto, toma-se um pequeno excerto de um texto de Beauvoir.

Considero que o feminismo seja uma causa comum para o homem e para a mulher, e que os homens conseguirão viver em um mundo mais equitativo, melhor organizado, um mundo mais válido, somente quando as mulheres tiverem um status mais paritário e mais válido; a conquista da igualdade entre os sexos interessa a ambos. (Beauvoir, *SFO*, 1982, p.76).

Repensar a *igualdade* sobre os parâmetros da *diferença* ou da *alteridade* está na pauta dos textos de Beauvoir. Contudo, lendo, a *posteriori*, o que possivelmente foi pensado nos anos 60 sobre a ousadia de ser mulher fora dos padrões definidos como tais, parece hoje bastante anacrônico. Pensa, entretanto, Bach, que as leituras não surgem naturalmente do texto "sino que son producidas, estando situadas sobre campos de significação e de poder" (Bach, 2010, p.13).

A interpretação do passado nos faz entender a nossa própria situação em um presente particular "acerca de lo que cada una experimenta como significativo" (Bach, 2010, p.14). Mas esta nos faz também compreender que algumas etapas axiológicas ainda não foram totalmente transpostas e que nossos pressupostos de *igualdade* e de *diferença* não se assentam em bases concisas, diante das práticas de ação.

Ainda na dimensão interpretativa, reto ma-se um polêmico aspecto. À época da escrita de *Le deuxième sexe* ou mesmo das entrevistas e conferências acerca da obra, como a ocorrida no Japão nos anos 60, a reflexão sobre uma epistemologia feminista e que transparece a complexidade do *feminino* na cultura mostrava-se ainda timidamente disposta. O termo *feminino* realça como um sintagma de *gênero*, de *diferença sexual*, entre outras denominações conceituais que então se construíam ainda como um modelo amorfo no horizonte da cultura dos anos 50 a 70 do século XX. Ocupava um lugar simbólico de um ideário sem composição definida como simbologia da complexidade da situação existencial e política das mulheres daquela década e século. Voltar-lhe o olhar nos leva a indagar qual o processo de transformação e se a conotação anterior ainda persiste de alguma forma na contemporaneidade, mesmo com toda crítica voltada ao patriarcado.

1.4. Na análise de gênero sob um critério epistemológico o problema se aguça e também melhor se reestrutura. Segundo Leache (2005), enquanto campo diverso e heterogêneo, a epistemologia feminista, "de constituição recente como campo teórico multidisciplinar", é espaço de tensão e de crescente produtividade em torno das práticas de conhecimento (Leache, 2005, p.10). Os principais debates temáticos giram em torno da "relação

entre a identidade- a *feminina*, a *feminista* - problematizando-a em função da prática epistemológica e política” (Leache, 2005, p.10). Bach ressalta a dificuldade de se falar de uma *epistemologia feminista*, mas pondera sobre a necessidade de se determinar a posição do conhecimento. Nega tanto a universalidade, quanto o nível de abstração que desatendam às particularidades (Bach, 2010, p.69).

A sustentação epistemológica dos conceitos que envolvem as interpelações feministas e que evidenciam a complexidade do *feminino* na cultura é também o que demonstra a relevância de um sistema de correlações e distinções entre *sexo* e *gênero*, nas práticas de construção do conhecimento. O teor de complexidade que a questão de gênero ressoa, agrupa, simultaneamente, problemas políticos e teóricos que acabaram por afetar a compreensão e a interpretação da complexidade do *feminino* lido pelo feminismo do século XX.

Os movimentos feministas daquele século impuseram-se como releituras da identidade feminina e também masculina, na medida em que vasculharam os sentidos de suas ocupações e bases comportamentais. A partir de contínuo mote indagativo sobre o valor da posição ocupada entre e pelos gêneros na cultura ocidental, novo referencial performativo foi-se construindo, com alteração do nível de inserção político-social da possibilidade da identidade de gênero.

No limiar dos anos 60, o enfrentamento acadêmico e filosófico do horizonte epistemológico acerca das questões de gênero ainda é de difícil recepção. Isso porque a filosofia – de onde supostamente deveria falar Beauvoir- traz consigo os dilemas dos moldes de reflexão. Pode-se pensar filosoficamente o mundo, mas antes do reconhecimento político-cultural da *Segunda Onda Feminista*, a indagação filosófica sempre se compôs com dicção masculina e nos recintos fechados de uma academia que sequer repensava suas próprias posições político-cognitivas. Não parece desmotivado que, em *La force de l'âge*, obra autobiográfica acerca dos anos de 1929-1944, mas publicada em 1960, Beauvoir recusa-se a denominação de *filósofa* (Beauvoir, FA, 1985, pp.196-197).

Sobre essa polêmica questão, menciona Charlotte Witt que o *nós dos filósofos* apenas faz destacar o seu olhar pessoal e masculino sobre o mundo, além das dificuldades de serem as mulheres reconhecidas como filósofas. Da ótica do Feminismo abrem-se novas possibilidades de leitura dos paradigmas filosóficos, os quais poderiam se exprimir como uma explícita misoginia dos grandes filósofos, como a descrição aristotélica da “fêmea enquanto um macho deformado” (Witt, 1996, p.3).

A recusa de Beauvoir em denominar-se filósofa na passagem dos anos 20 aos anos 40 modela-se na impossibilidade de seguir a norma da cognição e das determinações masculinas como parâmetro único de verdade existencial. Tenta lentamente destituir o mito de que a filosofia e suas implicações sejam mantidas sob os auspícios masculinos (Witt, 1996, p.8). Nos anos 70, Beauvoir revê sua posição intelectual na história; outorga a si mesma as contínuas indagações acerca da “relação entre lucidez e liberdade”, de uma perspectiva moral e política e num projeto de revisão de seus próprios textos (Beauvoir, FC, 1986, p.72). Ela eleva suas questões a um ponto de indagação política, “qual o lugar do intelectual na história e da mulher como uma intelectual que se desvia da história pro mulgada como patriarcal?” (Beauvoir, FC, 1986, p.73)

De fato é na percepção de si, por força de sua contínua leitura e análise do mundo de seu entorno, que Beauvoir refaz a trajetória hermenêutica e, sobretudo, epistemológica do *feminino*, escrevendo sobre si como uma mulher de seu século, como o *outro* da cultura milenarmente constituída.

1.5. A *leitura histórica* leva em consideração o enraizamento dos textos nas experiências de vida das feministas nos confrontos de sua época histórica com a contemporaneidade. Isso porque, o espaço dos textos não é uma mera abstração conceitual, mas a correlação de experiências e situações individuais e políticas na cultura do tempo histórico que a Millett e Beauvoir fora possível viver. Elas traduzem a complexidade e as interrogações de seu tempo, contribuindo para a construção da consciência política de gênero. Beauvoir, em *Tout compte fait*, numa linguagem própria, insere as análises acerca das manifestações do Feminismo na Europa e em alguns centros estadunidenses em meio à descrição do enlace entre movimento estudantil e operário, próprio dos anos 60. Em tal análise se apresenta a sua percepção da dimensão dialógica do Feminismo, ao romper com os ditames de identidades fechadas em modelos hierarquizados de ser e de dever ser (Beauvoir, TCF, 1972, pp.486-502).

Beauvoir estampa sua participação em manifestações e “ação propriamente feminista” como resultado de uma evolução de sua “atitude em relação à condição da mulher”, propiciando novas formas de interlocução cultural. Situa-se na condição de uma intelectual tocada pelo vigor dos movimentos feministas da América e dialoga incessantemente com suas representantes, sempre em novas gerações (Beauvoir, TCF, 1972, p.492).

No momento de escrita e vivências histórico-autobiográficas, a interação de vozes dialógicas faz realçar o Feminismo como grande epea do século XX; o canto maior que reúne todos os cantos introdutórios dos questionamentos acerca dos lugares determinados e determinantes que o feminino e o masculino se permitiam e se fixavam naquele século. Beauvoir bem o admite:

“Considerando as democracias antigas, profundamente ligadas a um ideal igualitário, custa conceber que a condição de escravas lhes tenha parecido natural; aparentemente, a contradição deveria ter-lhes saltado aos olhos. Talvez um dia a posteridade venha a perguntar-se, com a mesma perplexidade, como democracias

burguesas ou populares puderam manter sem escrúpulos uma desigualdade radical entre os dois sexos.”(...) “Sim, o sistema esmaga os homens e as mulheres, e incita aqueles a oprimirem estas; mas cada homem adota e interioriza isso a seu modo; manterá seus preconceitos, suas pretensões, mesmo que o sistema mude”. (Beauvoir. *TCF*, 1972, pp.494-495).

II. O “pessoal é político”

Na interação das vozes com o tempo das demandas políticas, ocorre a revisão de específicas feições que se supunham essenciais ao ser humano e que vão se metamorfoseando em novas configurações, em especial, no âmbito da sexualidade e, pois, no campo dos comportamentos e relações intersubjetivas.

O debate tematizado por Millet e Beauvoir, assim como pela *Segunda Onda Feminista*, acerca da *igualdade e diferença* ganha novos contornos nos anos 80 e 90 e, em especial, como se sabe, no pensamento de Judith Butler¹⁰.

Mas tanto em *Le deuxième Sexe*, quanto em *Sexual Politics* a correlação dialética entre os conceitos já se estipula e define os rumos que as correntes feministas passam a traçar a partir de então e ao longo dos anos subsequentes. Pensa Bañón (2010, p.19) ter sido justamente a “politização do pessoal” é que demarca o Feminismo da *Segunda Onda*. Sua discussão possibilitou a amplitude de debates que culmina na *Terceira Onda*, na qual a escolha pela *igualdade* ou pela *diferença* não se mostra como questão incompatível entre si (Bañón, 2010, p. 31).

Beauvoir e Millet estão inseridas em culturas específicas e temporalizadas e a elas se dirigem. Mesmo que em situações político-sociais distintas, têm em comum o enfrentamento de paradigmas históricos que se ressaltam em suas obras. Ambas apontam os aspectos mais significativos de seu tempo e com valores novos, não monogâmicos, sequer apenas heterossexuais e sob a dicção do Feminismo que se constitui ao longo do século XX.

Elas afrontam as “crenças” da tradição, abrem espaço para que a *Terceira Onda* possa se compor de questões que nos parecem hoje mais relevantes, como a *diversidade sexual e de gênero*, entre outras. Instauraram dúvidas e levantaram questões axiais, moldando uma nova esfera de suspeitas e de algumas constatações. Fizeram-no, sobretudo, de uma perspectiva privada, com suas vidas próprias como exemplos de uma práxis não apenas discursiva, mas de vida dedicada às exigências de mudanças dos tempos. Não reservaram sua vida e suas ações a uma dimensão de privacidade. A vida privada e pessoal merecia ser elevada a uma dimensão política. Na base conceitual, dialógica e histórico-interpretativa que engendram, seus pensamentos passam do plano da singularidade vivida ao plano da simbologia conceitual ressignificada por novos moldes interpretativos das relações humanas e sociais.

Bibliografía

ANDREW, Barbara “S. Beauvoir’s place in philosophical thought”. In CARD, Claudia. *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Cambridge: Cambridge University Press, 2033, pp.24-44.

BACH, A ; ROULET, M. ; SANTA CRUZ, M.I. “Experiencia e Identidad de Género”. *Hiparquía*, 1,1997, pp. 59.64.

BACH, A na Maria. *Las voces de la experiencia: el viraje de la filosofía feminista*. Buenos Aires: Biblos, 2010.

BAÑÓN, Sonia Reverter. “El Feminismo: más allá de un dilema ajeno”. *Feminismo/s*. 15, junio 2010, pp. 15-32.. In: <http://www.jornada.unam.mx/1999/02/01/kate-Millet.htm>. Acesso em 15/05/2011.

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième Sexe*. v.I, v.II.Paris: Gallimard, 1986. Folio.

BEAUVOIR, Simone de. *La Force de l’âge*. Paris: Gallimard, 1985. Folio.

BEAUVOIR, Simone de. *La Force de Choses*, Paris: Gallimard, 1986. Folio.

BEAUVOIR, Simone de. *Tout compt fait*. Paris: Gallimard, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. *Risposta ad alcune donne e a un uomo*. “Le Nouvel Observateur”, 6 mar. 1973, pp.

¹⁰ Butler, em *Gender Trouble*, 1990 e em outros trabalhos, defende a proposta de se manter aberta a problematização constante dos conceitos e categorias das teorias feministas. Polemiza com a teoria da *diferença sexual* sustentada por Irigaray e Cixous, Muraro e Braidotti. A relevância da *teoria de gênero* encontra em seu pensamento forte expressão, no que concerne à revisões e críticas das teorias feministas, mas com o intento de elaborar seu próprio suporte teórico. Ela se debruça, como se sabe, sobre o pensamento de Beauvoir. O “tonar-se mulher” lido em *O Segundo Sexo*, lhe parece uma possibilidade de reinventar o perfil feminino em vários matizes sexuais e políticos. Ela entende dever haver alianças entre o Feminismo e os estudos *queer*; o Feminismo tende muitas vezes a reduzir a sexualidade ao horizonte da relação heterossexual e justamente aí conceitua a diferença sexual e a diferença de gêneros. Os estudos *queer* e homossexuais surgem também como oposição ao heterossexismo do Feminismo, trazendo novas margens de reflexão sobre a sexualidade, sobre a diversidade de práticas sexuais para além da identidade de gênero ou sexual.

- 40-42. In. BEA UVOIR, Simone de. *Quanto tutte Le donne del mondo....* Torino: Einaudi, 1982. pp.111-116.
- BEA UVOIR, Simone de. Entrevista di M adeleine Chapsal. *Les écrivains en personne, 1960*, In. BEA UVOIR, Simone de. *Quanto tutte Le donne del mondo....* Torino: Einaudi, 1982. pp. 28-45.
- BEA UVOIR, Simone de. *Situazione della Donna di oggi*. Conferenza tenuta in Giappone nel settembre 1966. In: BEA UVOIR, Simone de. *Quando tutte Le donne del mondo...* 1982, p.62-77).
- BUTLER, Judith. *El género en disputa*. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2008.
- CASTRO, Nancy Campi de. O feminino em questão: uma leitura de Elizabeth W right e de Toril M oi. In: *IV SEMINÁRIO NACIONAL MULHER & LITERATURA*, 6.,1991, Niterói. *Anais*. Niterói: Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade F luminense; A bralic, 1992, p.196.
- CIX OUS, Hélène. *La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura*. Barcelona: Anthropolos: Madrid : Comunidad de M adrid : San Juan : Universidad de Puerto Rico, 1995.
- DÍAZ, Elvira Burgos. Conflicto de paradigmas: "gênero" y "diferencia sexual". *Thémata*. No.35, 2005, pp.713-720.
- KA UFM AN, Dorothy. "Simone de Beauvoir: Questions of Difference and Generation". *Yale French Studies*, n. 72, 1986, pp. 121- 131.
- K RISTEVA , Julia. "Le sujet en procès". IN : K RISTEVA , J . *Polylogue*. Paris: Éditions du Seuil, 1974, pp. 55-106.
- LEA CHE, Patricia A migot. *Relaciones de Poder, espacio subjetivo y prácticas de libertad: análisis genealógico de um proceso de transformación de género*. Tesis doctoral, Departamento de Psicología Social, Universitat A utònoma de Barcelona, 2005.
- M ILLETT, Kate. *Política Sexual*. Tradução de A lice Sampaio et.al. Lisboa: Dom Quixote, 1970.
- WITT, Charlotte. *How Ferminism is Re-writing the Philosophical Canon*.
<http://www.uh.edu/~cfreelan/SWIP/Witt.html>